

ROCHA, Dayse de Jesus*

<https://orcid.org/0000-0002-0903-1212>

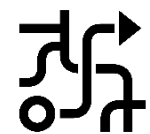
RESUMO: A história e o historiador produzem o diálogo composto pelo entrelaçamento das memórias percebidas e não percebidas e os sentidos dados a elas pelos sujeitos. Dentro desta perspectiva de memória, nasce a inquietação de investigar, qual o papel do riso. Se ele é sentido ou ressentido, no contexto da ditadura civil militar entre os anos de 1960 a 1980. O objetivo desta pesquisa consiste, portanto, em fazer um estudo das charges criadas pelo cartunista Henrique de Sousa Filho (*Henfil*) e seu trabalho realizado no semanário, *O Pasquim*, bem como, a forma que elas foram trabalhadas no contexto de censura e ditatorial do Brasil. Nesse propósito, serão trabalhados os conceitos de memória, ressentimento, riso, humor político e as formas de como esses afetos transitam no meio social e coletivo. Através do saber histórico e as formas recentes do fazer história, surgem novas práticas discursivas e, uma nova posição é assumida pelo sujeito numa determinada conjuntura histórica. Desta forma, para entender como parte de um processo de linguagem funciona, será feita uma reflexão sobre quem a realiza, onde se realiza, através de quais meios, as motivações que impulsionam a ação. Desta maneira, recorro às charges de Henfil, lançadas na revista *Fradim* em 1972, como recorte documental, com o intuito de viabilizar o entendimento da ação artística, suas linguagens e a forma que estas revelam intenções que vislumbram mudanças nas políticas públicas, de modo, a alcançar todas as classes sociais, através do conjunto dos rastros deixados pela construção das memórias e dos traumas ocorridos nas sociedades.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Riso; Ditadura; Henfil.

ABSTRACT: History and the historian produce a dialogue composed of the interweaving of perceived and unperceived memories and the meanings given to them by the subjects. Within this perspective of memory, the restlessness of investigating what is the role of laughter is born. If he is felt or resentful, in the context of the military civil dictatorship between the years 1960 to 1980. The objective of this research is, therefore, to make a study of the cartoons created by the cartoonist Henrique de Sousa Filho (*Henfil*) and his work carried out in the weekly, *O Pasquim*, as well as the way they were worked in the context of censorship and dictatorial Brazil. For this purpose, the concepts of memory, resentment, laughter, political humor and the ways in which these affections transit in the social and collective environment will be worked on. Through historical knowledge and recent forms of making history, new discursive practices emerge and a new position is assumed by the subject in a given historical context. In this way, to understand how part of a language process works, a reflection will be made on who performs it, where it takes place, through which means, the motivations that drive the action. In this way, I resort to Henfil's cartoons, released in *Fradim* magazine in 1972, as a documentary clipping, with the aim of enabling the understanding of artistic action, its languages and the way in which they reveal intentions that envisage changes in public policies, so, to reach all social classes, through the set of traces left by the construction of memories and traumas that occurred in societies.

KEYWORDS: Memory; Laughter; Dictatorship; Henfil.

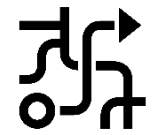
* Mestre pelo programa de Pós Graduação em Performances Culturais na linha, Teorias e práticas da Performance da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Especialista em História e Cultura da Universidade Federal de Goiás Licenciada em História pela Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.



INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é compreender os rastros e os traços das reverberações do riso como instrumento político entre os anos 1969 a 1980. Para o recorte da presente análise utilizaremos as charges feitas por Henrique de Sousa Filho (Henfil) em sua passagem pelo Semanário, *O Pasquim*. A justificativa para a delimitação deste tema surge da necessidade de investigar através da ótica do humor político, caminhos que os traços de Henfil percorrem para a liberação do riso e como ele atua na memória ressentida neste período histórico. Desta forma, mostraremos que o riso pode ser utilizado de acordo com um contexto específico, em forma de protesto, denúncia de relações hierárquicas entre os governantes e governados e entre dominantes e dominados. Com criatividade e humor, Henfil faz parte desta ressignificação do riso, pois introduz suas charges, com a finalidade de fortalecer a importância da consciência social, pois, caracteriza sua arte, encaixando-a aos acontecimentos do momento, fazendo que o riso apareça, através de um conteúdo carregado de ironia. Existe nesse riso um lado subversivo e revolucionário que desperta feições amigáveis e ambivalentes. Essa estratégia usada por Henfil em seus traços concisos será o ponto central na discussão proposta neste artigo.

Para tanto, utilizaremos os três personagens do “alto da caatinga” compostas por: Bode Orelana, Graúna e Zeferino, lançados na revista *Fradim* em 1972. A biografia feita por Tárk de Souza, escrita em 1984, será de grande valia para o entendimento do perfil político de Henfil. Quanto às referências teórico-metodológicas que farão parte desta pesquisa, elas se dividem entre obras historiográficas que abordam conceitos da nova história política, memória, riso, ressentimento e humor político. Utilizaremos reflexões acerca do sentido do riso e do humor. Para tanto, consideraremos as observações de raízes do riso feitas pelo historiador Elias Thomé Saliba (2002). A filosofia de Henri Bergson (2007) traz as motivações do riso e sua comicidade. Georges Minois (2003) e suas interlocuções entre o riso e o escárnio, no político e social. Verena Alberti (2002) discute as relações entre o riso e o pensamento. Esses autores ressaltam as variações e interpretações do riso, bem como, sua importância como mecanismo e instrumento, persuasão e interação social que unem os indivíduos ao longo dos tempos. A partir disso, esperamos chamar a atenção para o processo de transformação que a sociedade atravessa, por meio desse mecanismo aqui identificado: o riso.

**HENFIL: DA MEMÓRIA REPRESSIVA À MEMÓRIA TRANSGRESSORA**

Uma das funcionalidades da memória é sua capacidade latente de se produzir, e fazer-se presente a partir do retorno ao passado. Diante disso, compreendemos que as memórias têm um papel social e político no período conturbado da ditadura militar brasileira. Portanto, vemos que existe diálogo da perspectiva social, com a produção do cartunista Henfil, pois, ele explora uma gama de questões de forma clara e concisa como: disputa pelos espaços sociais; projetos do povo para o povo; violência cotidiana entre outros. É a partir desses desdobramentos que ele viabiliza a faceta do riso popular como forma de expor a conjuntura ditatorial. Com um método explícito, através do traço que expõe a repressão e a desigualdade, ele trabalha o caráter social do riso e sua convivência com as instâncias do poder. Acreditamos que através das pesquisas dos teóricos que serão apresentados no decorrer do trabalho acerca da memória e o trabalho de humor gráfico de Henfil, poderemos mostrar que o resgate da memória sobre a ditadura militar brasileira, contra revisionismos e negacionismos, podem ser revisitados a partir das recordações e elaborações que as imagens são capazes de transmitir.

As produções das narrativas são organizadas através dos rastros deixados para o exercício de uma reflexão crítica, tal qual vemos em Chartier, “existe um vínculo estabelecido entre as representações produzidas pelo passado” (CHARTIER, 1993, p. 09), que neste caso, se dá nas relações estabelecidas entre a memória, história e os sujeitos que compõem os espaços sociais. Nesse contexto, tanto o chargista quanto o governo, possuem representações e identificações com os sujeitos. Cada um ao seu modo mobiliza sua representatividade, no engajamento de suas convicções.

Temos de um lado, uma estrutura do chargista que visa ações e movimentos para a construção da democracia e consciência social, e do outro, a estrutura governamental que implementa o autoritarismo. Diante disto, podemos perceber que as representações, podem ser apropriadas e direcionadas para questões socialmente motivadas, e esse processo viabiliza o processo formacional de condutas políticas e sociais.

Esta prática discursiva que correlaciona as representações entre, memória e história, será convocada na linguagem carregada de símbolos dos traços finos de Henfil, que notadamente se opõe a linguagem repressiva do governo vigente.

Pêcheux nos diz que, “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobre, determinando as formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas. (PÊCHEUX, 1990, p. 213)”, portanto, ao realizar sua prática discursiva, o sujeito insere suas ideias nos fios da memória, de forma a possibilitar uma nova materialização discursiva, que possibilitará outras direções, outros sentidos, outros mostrares e outros efeitos.

Nesse sentido, Henfil tem papel social importante, pois, insere sua arte gráfica no protesto contra as marcas da repressão, autoritarismo e hipocrisia das elites. Denuncia as relações hierárquicas ocorridas entre os políticos e empresários de grandes indústrias que traziam o progresso que fortalecia a burguesia. Foi neste cenário de desigualdades que suas charges¹, buscavam provocar e despertar uma identificação com o leitor, pois, seus desenhos, tratavam temáticas que careciam de um olhar com mais sensível, como os exageros de pobreza de determinadas regiões em contraste com a riqueza de outras. Na charge abaixo, vemos uma crítica à fome, a qual era sempre vinculada como característica do Nordeste.

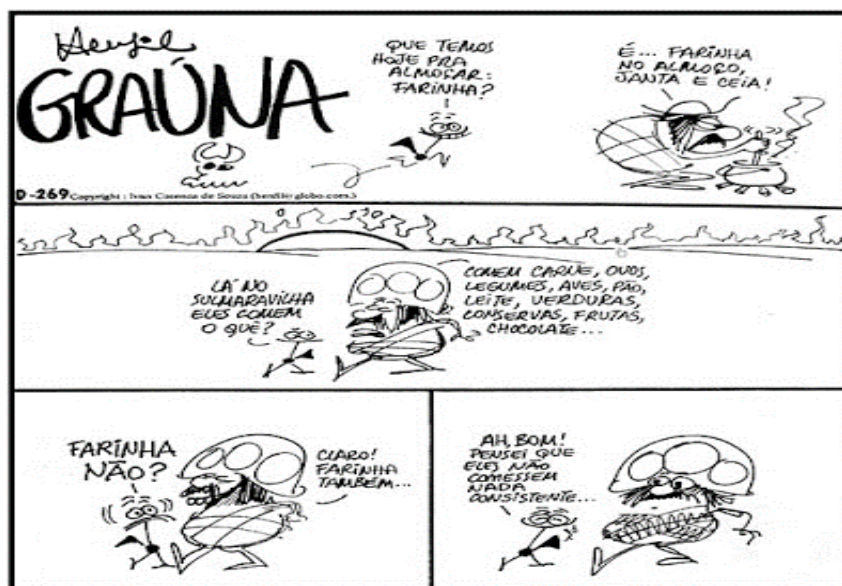
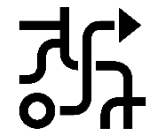


Figura 1. Fonte: Revista Fradim nº 24

Notam-se nessa charge traços e símbolos de uma mensagem que denuncia a miséria e a desigualdade das classes e a escassez de alimentos. Tal narrativa sugere a necessidade dos órgãos públicos desenvolverem políticas públicas de

¹ A charge é um gênero que se relaciona com as notícias do momento em que é produzido, sem esse referencial perde-se o sentido. Fonte: <http://blogauladeportugues.blogspot.com>

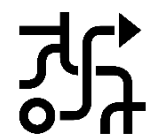


inclusão que atendam a todos, sem práticas excludentes. Nesse caso, tanto a memória individual como a coletiva remetem às situações vividas em torno da desigualdade. O chargista transporta para seus traços, memórias que se engajam na luta de consciência de classe. Henfil retrata desigualdades sociais, preconceitos e torturas, e com isso seus personagens incomodam cada vez mais o alto escalão do governo. Desta forma, sua figura representativa de lutas de conscientização, representante da democratização e ativista das diretas já, fixou-se e ganhou notoriedade, quando começou sua atuação no jornal *O Pasquim*². O semanário era famoso por manter um viés crítico, humorístico e satírico, composto por um grupo de amigos intelectuais que se juntaram para falar de assuntos sérios, utilizando o riso como ferramenta. Além de Henfil, o semanário contou com participantes famosos como: Ziraldo, Jaguar, Glauber Rocha, Millôr Fernandes entre outros.

Com uma postura irreverente e audaciosa, Henfil utilizava em seus personagens, uma dose de artimanhas performáticas, pois cada um possuía uma marcante qualidade de comportamento. Zeferino era um cabra macho destemido. Orelana, era um bode que comia livros, traduzia na oralidade a ideia de intelectualidade. Graúna, um pássaro em formato de ponto de exclamação, analfabeta, porém, possuía uma esperteza que lhe era peculiar. Com esses personagens inseria ações dentro da sua temporalidade, com um intuito de acrescentar um papel de consciência social atrelando os seus traços às manifestações e realidades do tempo presente. Coloca desta forma ao alcance de vários grupos sociais, o risível e o não risível, inerente à forma de comunicação característica às charges, também carregadas de empatia e signos, capazes de mostrar um contexto de riso ou escárnio. Com o desenvolvimento de seu trabalho, caminhos são abertos para Henfil se engajar na luta de democratização do Brasil, contra a ditadura, anistia dos presos políticos e Diretas já.

²- O Pasquim foi um jornal tabloide semanal de circulação nacional, criado no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1969, pelos jornalistas Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Carlos Prósperi e pelos cartunistas Claudius Ceccon e Jaguar (Sérgio Jaguaribe). Defensor da liberdade e da democracia, o jornal se destacou pelo caráter altamente crítico, corrosivo, debochado e bem-humorado que estampou suas páginas em pleno auge do regime militar e do Ato Institucional nº 5 (AI-5)¹. Em seu conteúdo, O Pasquim combateu não apenas o autoritarismo militar, mas também a ditadura dos costumes, no cerne tradicionalista da sociedade burguesa carioca (e brasileira).

Fonte: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06_a17.pdf

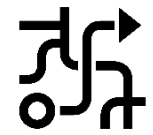


Dentro desse contexto autoritário, a charge de Henfil também se expressa como um riso ressentido. Representação do riso ressentido do povo simples, dos campos e das fábricas. Riso este que o indivíduo esconde, pois, vive dentro de um sistema repressivo. Esse riso ressentido aparece no momento em que as críticas são feitas diretamente aos “donos do poder”. Logo, através do riso, cínico e dissimulado, os dominados sentem-se no limiar da liberdade, pois podem se expressar ao largo da repressão. Desta maneira, como salienta Alberti (2002), o riso torna-se uma espécie de escape na demonstração da alegria, pois passa a coexistir dentro de um espaço social compartilhado, logo, “o riso é um prazer” (ALBERTI, 2002, pág. 43), capaz de trazer mesmo que momentaneamente o esquecimento nas relações de sofrimento.

O chargista Henfil denuncia os atos contra a liberdade de expressão do sistema vigente por meio de seus personagens, transportando ideias de igualdade social e racial, pois, acredita que todas as pessoas merecem as mesmas oportunidades. O trabalho do chargista pode ser considerado um discurso que refletia um desejo de mudança de realidade, visto que, lhe interessava um diálogo articulado, onde questões como: quebra de padrões, liberdade de expressão, justiça social, acesso à saúde e educação de qualidade, eram pautas frequentes presentes em todos os seus trabalhos. Podemos afirmar que, ao recorrer ao riso, Henfil preocupou-se em fornecer através das suas charges, uma forma de interpretação individual e coletiva, que deu início a um processo histórico inovador e sensível no que tange a compreensão entre riso e memória.

O conteúdo demonstrado nas charges faz com que os indivíduos se identifiquem com as mensagens ativem as relações imaginárias dos afetos que, por conseguinte, ativam as memórias coletivas. O que liga imagetivamente cenários distintos de pobreza, preconceito e segregação, também evidencia os problemas sociais que compõe o cerne de conflitos ocorridos na sociedade brasileira em tempos de censura e repressão. Esses modos de recordações coletivas podem variar temporalmente e são definidos culturalmente, por isso, os modos de atuação por meio das charges, se conectam por vários espaços.

Nesse aspecto, Maurice Halbwachs (1990) assevera que a memória apoia-se no que foi vivido, pois as lembranças são construídas em meio às interações com a sociedade, grupos e instituições, que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva e também seletiva. Desta forma, podemos concluir que o



chargista faz o mesmo exercício de inter-relações entre o que foi vivido no passado e as representações do presente.

Dentro do jornal *O Pasquim*, Henfil alcança destaque de personalidade influenciadora da democracia com traços que conjugam linguagem, espaço, temporalidade e história. Todo esse processo de rememorar afetos através das charges concebe a reflexão sobre a memória e o esquecimento, bem como, a dicotomia existente entre estes dois conceitos. O que de fato lhe interessa, é anunciar que existe uma dominação articulada no poder, advinda da união dos setores conservadores com os aliados dos militares, as promulgações do AI5. Notemos que as memórias também são passíveis de dominação, esse domínio também pode ser percebido por meios físicos de acordo com o pesquisador das memórias Paul Ricoeur:

[...] a memória imposta está armada por uma história ela mesma “autorizada”, a história oficial, a história apreendida e celebrada publicamente. De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum... história ensinada, história apreendida, mas também história celebrada. (RICOEUR, 2007 Pág. 98).

A memória apreendida que Ricoeur se refere, está centrada na crítica que o espírito revolucionário de Henfil denunciava, uma crítica reforçada na contestação dessa memória imposta por um discurso dominante que ocultava os verdadeiros fatos ocorridos. O chargista faz a captura da história de uma maneira cômica, por meio de um humor visual que satiriza o medo e o processo de repressão que penetra nos meios sociais. Logo:

Pode-se falar em traumatismos coletivos e em feridas da memória coletiva, não apenas no sentido analógico, mas nos termos de uma análise direta. A noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas “perdas” que afetam igualmente o poder, o território, as populações que constituem a substância de um Estado (RICOEUR, 2007, p. 92).

O autor refere-se as perdas que são guardadas nas memórias e de como esse rememorar pode ser refletido em vários aspectos ligados a vida individual e em sociedade. Em tempos conflituosos de ditadura, as perdas foram expressivas e os abusos da memória configuraram uma forma de legitimar o abuso de poder de perpetuar relações de dominância, bem como, formas de distorcer realidades. A narrativa crítica da charge entra nesse universo de memórias como forma de desnudar

um sistema de banalização da violência e tortura, atuando contra a naturalização de ações de desigualdades sociais. Desse modo, Henfil trata de colocar a charge em um patamar de elucidação da memória, demonstrando de forma evidente os vestígios do autoritarismo em seus traços.

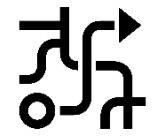


Figura 2 - Henfil — O Pasquim, Rio de Janeiro, 31.08.1979.

Seu método escancarado não utilizava paliativo, intencionalmente, o chargista expunha a estrutura militarizada, que prendia os opositores ao regime e os torturavam. Segundo Gaspari (2002, pg. 357), “O exército brasileiro tinha aprendido a torturar”, na concepção de Henfil, práticas de torturas deveriam ser combatidas. Nesse sentido, a charge atuou, como uma ruptura do silêncio e do apagamento da memória, evitando que ela fosse manipulada, como um mecanismo de resistência contra sistemas repressores e autoritários.

INTER-RELAÇÕES ENTRE A MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, RESENTIMENTO E O RISO: PODERIA SER CÔMICO SE NÃO FOSSE TRÁGICO

Ao abordarmos as relações existentes entre memória, esquecimento, ressentimento e riso notem que a história está repleta de sensibilidade, portanto, o historiador está cercado e demarcado por uma multiplicidade de afetos. Estes afetos ao mesmo tempo em que ilustram o sujeito com suas marcas, o ajudam a perceber o mundo e a entendê-lo. Nessa perspectiva, a memória construída do passado para o presente, pode desencadear estímulos sofridos por meios de recordações que sobreviveram de acontecimentos não agradáveis, trazendo à tona os ressentimentos. Traz questões sensíveis que estão acorrentadas nas memórias, cujos, temas fazem parte da História de ódios, bem como, o fantasma da morte e o lugar dos excluídos



que sofreram humilhações impostas pelas relações entre os afetos e o político, entre a sociedade e o Estado. Em Pierre Nora (1993), os fatos precisam estar encerrados para que se tenha memória sobre o fenômeno, assim a consciência se desenvolverá normalmente a partir daquele signo acabado.

Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado. (NORA, 1993, p. 07).

O historiador francês, diz que não poderíamos habitar nossa memória, pois, se o fizéssemos não existiria a necessidade dos lugares de memórias, tendo em vista, que a memória é construída em um espaço social onde os rastros constroem a narrativa da história. Em conformidade com Nora (1993), acerca das memórias que, “são enraizadas no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (NORA, 1993, p. 08), as charges de Henfil se inserem em um contexto social onde as representações sociais construídas no lugar de memória, nos permite pensar o processo que envolve a manipulação da memória e como é possível observá-la no campo da história do Brasil nesse período ditatorial. Com base na investigação das charges de Henfil e na análise de seus personagens centrais, é possível identificar um ruidoso riso ressentido e um significado que requer um rememorar por busca de justiça. Esse rememorar consistirá em uma luta contra as memórias impostas, apreendidas e manipuladas que tem por finalidade o apagamento da memória coletiva.

Dentro da perspectiva de memória e esquecimento, como duas partes que constituem o mesmo processo de percepção, se enquadra o conflito do movimento messiânico ocorrido em 1897 em Canudos. Henfil foca o seu personagem, *Zeferino e o nordeste*³, dentro deste contexto social. Existe aí problemáticas que são colocadas em evidência como, a carência da região, o chargista, explora questões sócio culturais contextualizando o local da narrativa com suas imagens, faz denúncias ao governo da

³ No alto da caatinga, légua e meia de Monte Santo, no calcanhar de Canudos vive o cabra macho valente e atrevido, curtido em veneno de cobra, amante do que é do homem, inimigo do que é injusto.

carência e falta de estrutura dessa região. Existe neste contexto uma forma de rememoração diária de um problema do presente.

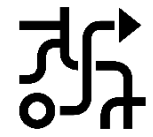


Figura 3- Fonte: Fradim, n 2, 1980.

Zeferino representa o estereótipo clichê do nordestino, que levava uma vida difícil no auge do período ditatorial brasileiro, onde predominavam as inseguranças e o medo das repressões eram constantes. Destacava-se nesse cenário uma luta diária pela sobrevivência, marcadas pela falta de alimentos, bem como, a privação dos direitos políticos e civis. Predominava políticas de controle, fragmentadas, excludentes e setorizadas. Essa era a realidade brasileira quanto a forma de governo da época, de um lado caatinga, que mostrava uma realidade sofrida, com um mandonismo latifundiário e do outro, o que Henfil chamou de sul maravilha, característica dada as cidades do Sul que estavam no auge das multinacionais. Henfil é taxativo sobre seu personagem. “Para ler o Zeferino pressupõe estar bem-informado de quase toda a nossa realidade. As piadas, em geral, são comentários sobre fatos que se pressupõem familiares”.⁴

Outras concepções acerca da memória como lembrança de experiência vivida, também é objeto de estudo da professora de estudos literários Aleida Assmann. Seus estudos abrem uma perspectiva sobre registros mnemônicos, asseverando que, “a memória é o armazenador de onde a recordação se serve, seleciona, atualiza” (ASSMANN, 2011, p. 172). Nesse sentido, o passado recordado não é a prioridade e sim o presente que escolhe e seleciona os dados a serem recordados. Assmann, aborda uma conceituação de memória oriunda de Roma. Trata-se da memória como *Ars* “arte” ou Mnemotécnica (arte da memória), que

⁴ Revista Fradim, n. 17, 1977, p. 42.



consiste em uma técnica de aprendizado consciente, onde o elemento da imagem possibilita que a memória opere de forma organizada e eficaz. Assmann salienta o poder do afeto⁵ na memorização das recordações, para a autora, o afeto age, como um estabilizador da memória, isso se atribui ao fato das recordações estarem ligadas por meio de uma teia de sentimentos.

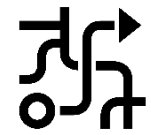
No que concerne às imagens, poderíamos dizer que as memórias das experiências dolorosas da ditadura, estão significativamente presentes na produção dos traços de pessoas como Henfil, que exercem o papel de manter essas recordações manifestas. As charges proporcionam a recordação através do riso seguido do afeto do ressentimento, desta forma, existe nesse exercício de rir e ressentir o resgate da dor e sofrimento.

As abordagens feitas pelo chargista partem das recordações carregadas de tristeza, raiva e podem ser analisadas a partir da ideia de ressentimento. O afeto do ressentimento se dá ao reviver essas emoções contidas nas representações que as charges denunciavam, pois, não se deve cogitar o ressentimento separando-o das representações, ideologias, imaginários, crenças e discursos. Nesse aspecto, Henfil, trabalha com as representações sociais construídas no tempo presente, permitindo ao leitor a reflexão acerca do que Pollack denominou de “trabalho especializado de enquadramento”, onde o autor destaca que a memória pode ser conduzida quando se está necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as experiências vividas e compartilhadas entre os sujeitos, podemos concluir que as memórias e os afetos, são fatores que sempre influenciarão nos rumos das narrativas da sociedade. Pois, a memória, bem como, o tempo, é onipotente, eles estão sempre presentes e definem os rumos de civilizações. Diante

⁵ Em Rousseau, vemos o afeto como amplificador instrumental de recordações na mnemotécnica da Antiguidade até o afeto como núcleo duro das recordações. Sobre isso escreve Jean Starobinski: “O sentimento é o centro indestrutível da memória. (STAROBINSKI, 2011, p. 271) [...] A verdade que Rousseau quer compartilhar conosco não diz respeito à localização exata de fatos biográficos, mas focaliza a relação que ele mantém com esse passado. [...] Isso representa uma verdade mais ampla, que foge, de fato, das leis da verificação. Não nos encontramos mais no campo da verdade, das histórias verdadeiras; entramos, sim, no campo da autenticidade.

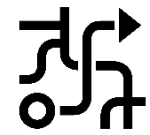


disso, percebemos a importância de utilizarmos as ferramentas disponíveis, para de alguma forma protestar e reivindicar direitos, denunciar políticas repressoras que excluí vidas, raças e identidades.

Foi na busca de um país igualitário, que Henrique de Souza Filho, escancarou sua arte, com simples traços, nada muito perfeito em sua estética, pois, o que de fato importava era que as mensagens das suas charges fossem entregues. O objetivo desse trabalho foi alcançado na medida em que incomodava as elites que comandavam o sistema. O nosso objetivo por meio desta pesquisa foi, o de dar continuidade em questões sérias, ligadas a um período crítico e conturbado do Brasil. Momento esse que não pode cair no esquecimento. Precisamos sempre, colocar as memórias em ação e nos permitir ser afetado dia após dia, e priorizar a construção de um país mais justo para todos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Aronne. *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador". In: *Walter Benjamin – Obras escolhidas*, vol. 1: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*: tradução Ivone Castilho Benedetti – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- BERGSON, Henri. *Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FICO, Carlos. *Como eles agiam*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo, SP: Editora 34, 2006.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.



HENFIL. *Como se faz humor político*. Depoimento a Tárík de Souza. 2ª edição. Editora Petrópolis. 1985.

KEHL, Maria Rita. *Tortura e sintoma social*. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O que resta da ditadura? — a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. *Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. *A nova ordem*. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2019.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção – São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MORAES, Dênis de. *O rebelde do traço: (a vida de Henfil)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Foucault*. Campinas: Unicamp, 1990. p. 163-252. (Originalmente publicado em 1975).

RODEGHERO, Carla S. Anistia, esquecimento, conciliação e reconciliação: tensões no tratamento da herança da ditadura no Brasil. In: RODEGHERO; MONTENEGRO; ARAÚJO (Org.). *Marcas da memória: história oral da anistia no Brasil*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEIXAS, Rozeny S. *Morte e Vida Zeferino: Henfil & Humor na revista fradim*. Oficina do autor – Rio de Janeiro, 1996.

STAROBINSKI, J. Os problemas da autobiografia”. In: *Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em 31/03/2023

Aprovado em 23/10/2023